



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.<sup>o</sup>  
Lisboa - PORTUGAL  
End. teleg. Talhava - Lisboa • Telefone: 27  
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

PREÇO, 5 CENTAVOS

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Continúa a mordaça

Como relatámos, *A Batalha*, *O Tempo* e *A Situação* estão novamente sujeitos ao regime da mordaça. Quando o redactor principal desta folha foi chamado ao governo civil, ali lhe foi comunicado que o sr. António Granjo, antigo jornalista e actual presidente do ministério, ordenaria a censura e apreensão dos jornais que não respeitassem determinadas regras, bastante vexatórias para quem quer dizer verdade.

Será conveniente repetirmos, como antecetem, os dizeres dum papelito que o redactor deste jornal foi apresentado:

"Os jornais não podem publicar:  
1.º Insinuações contra os membros do governo;  
2.º Contra as autoridades legalmente constituídas;  
3.º Insinuações desprazadoras contra forças públicas, ou seus representantes;  
4.º Linguagem despejada, ou qualquer forma contrária ao brio e dignidade das instituições republicanas;  
5.º Ficam desde já sujeitos à censura, em conformidade com as prescrições indicadas nos números anteriores, os jornais *O Tempo*, *A Situação* e *A Batalha*.

Assim o estabeleceu o sr. António Granjo; assim legislou e assim foram cumpridas as suas ordens. *A Batalha* está sujeita à censura prévia há três dias. Um agente da polícia leva o nosso jornal todas as manhãs ao governo civil, ali é lido e comentado, não se podendo começar a fazer a tiragem enquanto o mesmo agente não voltar com o seu escrito nesse sentido.

Ou porque tenha sido desagradável ao governo, o facto de aqui termos relatado os acontecimentos tal qual se tem passado, ou porque haja o intuito de fazer crer ao povo que a censura prévia não existe, a verdade é que a polícia da segurança do estado, enviou ontem para os jornais uma nota absoluamente destinada de verdade, visto que está em completa desacordo com os actos até hoje praticados pelas autoridades.

Eis a referida nota:

"Tendo a imprensa publicado que alguns jornais se acham sujeitos à censura por ordem do governo, esclarece-se que tal boato não tem o menor fundamento, porquanto o princípio estabelecido é que os jornais serão proibidos de circular, quando contenham ultraje às instituições republicanas, e injúria, difamação ou ameaça contra o chefe de estado, as autoridades legalmente constituidas e forças públicas, ou quando sejam redigidos em linguagem despejada, provocadora contra a segurança do estado, da ordem e da tranquilidade pública."

E provável que o sr. António Granjo tivesse reconsiderado no áero comando e tenha intenção de levantar a censura à imprensa, mas verdade é que ainda não fez. Quanto ao desmentido sólido transscrito é uma forma de mentir que muito mal fica a quem pretende censurar os jornais que mentem ou fazem insinuações desprazadoras.

Tanto que a nota não é verdadeira que ainda ontem o jornal *A Situação* foi previamente censurado e impedido de circular.

Achamos oportuno transcrever aqui a nota enviada pela *Situação* ao jornal *A Luta*, nota que este publicou:

"A *Situação* foi hoje impedido de circular depois de ser feita a censura pela polícia da segurança do Estado, contra as disposições da lei de imprensa.

Não chegou a ser impresso o jornal nem, nos termos da lei de censura prévia, já revogada, foi indicado o artigo ou artigos contrários às disposições a aplicar por determinação do sr. presidente do ministério.

Por este processo está a *Situação* sujeita ao regime do livre arbitrio."

Os senhores da Hungria oferecem-se para atacar os bolchevistas

PARIS, 23. — Segundo uma informação do *Petit Parisien*, o sr. Telekinou-teau, presidente do conselho da Hungria, ofereceu à "Entente", o auxílio militar da Hungria contra a Rússia bolchevista, declarando que a Hungria é o último baluarte da "Entente" contra o bolchevismo.

Falando da França, o sr. Telekinou-teau reconheceu a preponderância da influência francesa no seu país. — *Rádio*.

O que diz a imprensa inglesa

Sobre a conferência de Spa e a crise Russo-polaca

LONDRES, 23. — O *Daily Chronicle*, examinando a crise Russo-polaca, diz:

"Se a Rússia soviética responder negativamente à nota dos aliados, nós, aliados da Polónia, só conhecemos um caminho: aceitar o repto."

O *Western Morning News*, comentando o discurso do primeiro ministro inglês na Câmara dos Comuns, sobre a Conferência de Spa, disse:

"O ministro teve uma impressão equivocada quanto aos ministros alemães, e o povo britânico não pode compartilhar sua confiança enquanto os delegados alemães não derem provas da sua boa fé.

Referindo-se à crise Russo-polaca, o jornal mostra-se satisfeito com a próxima viagem de Foch à Polónia. Espera contudo que o ditto país possa ser salvo com negociações. Lenin e Trotsky diz — poderão subjugar a Rússia, porém, não podemos tolerar que façam o mesmo na Europa."

O *Times*, comentando as declarações de Lloyd George, escreve:

"Não podemos fechar os nossos olhos ante os perigos que ameaçam a Paz. O nosso dever é salvar a Polónia de ser extirpada."

O *Daily Express*, chamando a atenção sobre o perigo da guerra Russo-polaca, declara que esta crise é uma prova suprema para os dirigentes britânicos. — *Rádio*.

## NOTAS & COMENTARIOS

**Registando** Ao tomar posse, o ministro do interior teve um rasgo de eloqüência, que nós, lamentes da verdade e boas frases, incorremos num crime merecedor de censura, se não o registássemos nestas colunas. Dirigindo-se ao sr. Pedroso de Lima, o grande estadista proferiu:

"A guarda republicana é a garantia da ordem!"

**O que há** Não há nada para comer, não há carne, não há vergonha, não há dinheiro, não há moralidade, não há energia, não há saúde. Não há casas para habitar nem respeito pelo pensamento alheio, não há escolas nem falta de tabernas, não há literatura nem arte, não há indústrias nem luz, não há nada.

Há políticos imbecis, assambardadores criminosos, prisões cheias, leis scleradas, tribunais de exceção, escritórios hipócritas, artistas medíocres, trabalhadores esfaimados, professores sem vintem, revistas imorais, cinemas desmorizadores, batatas às escondidas, prostitutas pelas ruas e pancada para presos.

**O que não há** é fruto do que há.

**Falta de número** Referindo-se à falta de número no parlamento, *O Mundo* de ontem dizia:

"Seja como for a verdade é que essas faltas de número causam um efeito péssimo, porque revelam desprêzo pelos interesses superiores do país, os quais não podem estar à mercê da mandria insolente dos parlamentares. Bem basata o tempo que costumam perder em discussões inféis quando não perniciosas."

A mandria insolente dos parlamentares, discussões inféis quando não perniciosas... Entendido.

## mina de Alcácer do Sal

Não sabemos ainda quais as provisões, em definitivo, que os governos tem tomado com referência ao filão

hulifero de Santa Suzana.

Não é admirável, porém, que asasunto de tal magnitude seja posto de parte, para assim poderem ser satisfatórios os desejos da alta finança, que está preparando o salto no sentido de esbugar o país dum riquíssimo que o poderá aliviar bastante das dificuldades financeiras em que se debate.

Tem-se a *Batalha* dedicado com interesse à este assunto e não o largará em quanto os governos não o tomarem a sério e lhe o desenvolvimento necessário.

Os nossos camaradas ferroviários do Sul e Sueste, por intermédio do seu órgão na imprensa, veem de expôr claramente a questão, tendo para êsse fim entrevistado o engenheiro sr. Frederico Cambourac, que foi enviado pelo governo a estudar a mina, e o maquinista principal João Marques da Silva Júnior, resultando das suas declarações provas incontestáveis de que o combustível em nada difere do melhor que se tem importado por preços fabulosos.

Interessam-se também aqueles camaradas porque a exploração se faça por conta do Estado no mais curto prazo de tempo possível, para evitar a supressão de combóios que já existem e também como uma grande medida de economia.

Não deve desprêzar-se tam boa ocasião e mal de nós irá se mais uma vez o capitalismo conseguir lançar as suas garras adunhas a tam precioso filão, para assim poder à vontade sugar as riquezas que são patrimônio do povo.

Os governos tem a obrigação de tomar a valer conta do caso, não se fazendo demoras nas medidas necessárias. Não procedendo assim, mais uma vez demonstrarão que só estão no poder para servir o interesse financeiro de meia dúzia de gananciosos em prejuízo das necessidades do povo.

A esta oficina vieram ontem alguns camaradas do Sul e Sueste trazer-nos um snome bloco do carvão de Santa Suzana, que hoje poderá ser apreciado pelo público na montra da Tabacaria Neves, no Rocio, onde estará em exposição.

Sobre este caso, comunicam-nos também camaradas do Barreiro que estão alti à descarga alguns milhares de toneladas de carvão, que nos informam de pessima qualidade, tendo as mesmas propriedades caloríficas de lenha verde, não dando, pois, os resultados indispensáveis. Em virtude disso, o presidente da Associação de Classe dos Ferroviários do Sul e Sueste telegrafou ao respectivo director participando-lhe este facto e até mesmo para que providenciasse no sentido de não ser descarregado, porque a sua utilidade é de nenhum valor, acarretando grandes prejuízos.

Por isto se demonstra a imperiosa necessidade de se proceder à rápida exploração da mina de Santa Suzana, pois não deve desprêzar-se o que há de bom em casa, para se pagar caríssimo o que não presta.

Referindo-se à crise Russo-polaca, o

jornal mostra-se satisfeito com a pró-

xima viagem de Foch à Polónia. Espe-

ra contudo que o ditto país possa ser

salvo com negociações. Lenin e Tro-

tsky diz — poderão subjugar a Rússia,

porém, não podemos tolerar que façam

o mesmo na Europa."

O *Times*, comentando as declarações de Lloyd George, escreve:

"Não podemos fechar os nossos olhos ante os perigos que ameaçam a Paz. O nosso dever é salvar a Polónia de ser extirpada."

**Os assambardadores riem-se**

**e os consumidores esmurraram-se**

**estupidamente**

MADRIS, 23. — Em virtude de ter

sido tabelado, o azeite desapareceu rá-

pidamente do mercado. Ontem foi posta

a venda em várias lojas, às quais aco-

reu a população que, formando enor-

mes bichas, se agrediu, multiplicando-

-se os incidentes e originando vários tumul-

os em que teve de intervir a força

policial.

O *Daily Express*, chamando a aten-

ção sobre o perigo da guerra Russo-

polaca, declara que esta crise é uma

prova suprema para os dirigentes bri-

tânicos. — *Rádio*.

## União dos Sindicatos Operários

Na sua última reunião ocupa-se da carestia da vida, da questão da «Voz do Operário», lavrando protestos contra a censura à imprensa e a pretensão da polícia de assistir às reuniões dos corpos administrativos dos sindicatos ::

## O QUE VAI LÁ POR FORA ::

### PELA FRANCA

A atitude ambígua da C. G. T. na greve ferroviária — Perseguição feroz contra os extremistas

Duma carta de França extratramos os seguintes períodos:

Durante toda a greve dos ferroviários, não se viu nos boletins cotidianos da C. G. T., fracos e monótonos, senão apelos contínuos e desesperados à calma, à disciplina e à obediência cega às deliberações do comité grevista.

Tende confiança nos vossos representantes; a vitória depende da observação das nossas ordens e da renúncia a toda a violência», diziam os pastores ao rebanho. E no entanto os caminhos de ferro eram utilizados, os mineiros forneciam o carvão, e a electricidade para a funcionar os «trams» e as máquinas nas oficinas. Não era a normalidade dos serviços, mas a guarda civilista dos «snobs» assegurava uma anomalia de discrição. O ex-socialista Millerand podia facilmente ordenar a prisão das «cabecas quentes» certo de imundície. Jouhaux e sócios, que evitavam retirar da circulação — servilmente — a greve, eram os mais energéticos na luta, dando em resultado a inevitável derrota.

Alfredo Pinto. — Volta a falar e lamenta que os sócios efetuados ou sejam os operários dos tabacos, como operários que são tenham até hoje consentido que a *Voz do Operário* se tem passado e se continua passando. O que é preciso é acabar de vez com o fracasso e fazer-se mais obras.

Augusto Ferreira Lopes. — Volta a falar zero da palavra dizendo que a *Voz do Operário* pertence ao operariado e para o seu dele é que precisa vir. Não pode aquela instituição estar por mais tempo nas mãos de quem não tem competência para administrar e para promover o seu progresso.

O camarada secretário geral alvítra, a fim de se pôr termo à discussão, que a *Voz do Operário* pertence ao operariado e para o seu dele é que precisa vir. Não pode aquela instituição estar por mais tempo nas mãos de quem não tem competência para administrar e para promover o seu progresso.

Nacionalização? Que interesse pode ter para os operários que a exoloração em vez de ser exercida pelos especuladores particulares, o seja pelo estado centralizador? Restauração do país esfacelado pela guerra? Reorganização da indústria?

Mas este é o melhor meio de reforçar o capitalismo, retardar a desaparição do nefasto governo, fazer esquecer muito depressa a miséria desastrosa causada pela carnificina europeia.

A realidade é que verdades como estas foram pronunciadas em alta voz numa assembleia de ferozes reactionários como os que compõem o parlamento alemão, mas o mal é que estas palavras — além de se perderem naquele atmosfera de interesses e ódios mesquinhos — vão actuar sobre o espírito das massas, quais cantos de serafins, para adormecer e manter na velha esperança messiânica de que a salvação haverá de cima.

Clara Zetkin — um dos dois deputados que os comunistas conseguiram introduzir no Reichstag nas últimas eleições, respondendo aos ataques dos nacionalistas, pronunciou recentemente no parlamento um vibrante discurso, que os defensores da política parlamentar apontaram como um exemplo da eficácia do uso desta instituição na luta revolucionária.

Referindo-se às imposições dos governos da Entente, disse ela, em resumo:

"Os capitalistas alemães alcançaram o que mereciam. Os socialistas majoritários preferiram tratar com os imperialistas da Entente a cooperar com os Socialistas da Rússia. O único meio dos trabalhadores alemães se subtraíram do jugo da paz de Versalhes seria derrubar o poder dos capitalistas alemães e da classe militar. Foram os capitalistas que pediram à Entente permissão para manterem em pé de guerra os 200.000 homens da guarda pretoriana. Os trabalhadores, ao contrário, desejavam que estes bandidos fossem desarmados, tentando ainda fazê-lo, pois que sabiam que nada tinham a esperar da imprensa da Entente."

Ora, na realidade, é sempre agradável ouvir dizer que verdades como estas foram pronunciadas em alta voz numa assembleia de ferozes reactionários como os que compõem o parlamento alemão, mas o mal é que estas palavras — além de se perderem naquele atmosfera de interesses e ódios mesquinhos — vão actuar sobre o espírito das massas, quais cantos de serafins, para adormecer e manter na velha esperança messiânica de que a salvação haverá de cima.

Na realidade, é sempre agradável ouvir dizer que verdades como estas foram pronunciadas em alta voz numa assembleia de ferozes reactionários como os que compõem o parlamento alemão, mas o mal é que estas palavras — além de se perderem naquele atmosfera de interesses e ódios mesquinhos — vão actuar sobre o espírito das massas, quais cantos de serafins, para adormecer e manter na velha esperança messiânica de que a salvação haverá de cima.

Na realidade, é sempre agradável ouvir dizer que verdades como estas foram pronunciadas em alta voz numa assembleia de ferozes reactionários como os que compõem o parlamento alemão, mas o mal é que estas palavras — além de se perderem naque

